

# Texto para Discussão

## Série Economia

TD-E / 30 - 2002

### **O Café em Ribeirão Preto**

Prof. Dr. Renato Leite Marcondes



**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade**  
**de Ribeirão Preto**

Reitor da Universidade de São Paulo  
Adolpho José Melfi

Diretor da FEARP/USP  
Marcos Cortez Campomar

Chefe do Departamento de Administração  
André Lucirton Costa

Chefe do Departamento de Contabilidade  
José Carlos Marion

Chefe do Departamento de Economia  
Rudinei Toneto Júnior

CONSELHO EDITORIAL

*Comissão de Pesquisa e Publicações da  
FEARP/USP*

*Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade  
de Ribeirão Preto -USP  
Avenida dos Bandeirantes, 3900  
14049-900 Ribeirão Preto – SP*

*A série **TEXTO PARA DISCUSSÃO** tem como objetivo divulgar i) resultados de trabalhos em desenvolvimento na FEARP/USP; ii) outros trabalhos considerados de relevância dadas as linhas de pesquisa da instituição. A série foi subdividida em função das principais áreas de atuação da FEARP/USP: Economia, Administração e Contabilidade. Veja o site da CPP na Home Page da FEARP: [www.fearp.usp.br](http://www.fearp.usp.br). Informações: e-mail: [cpp@fearp.usp.br](mailto:cpp@fearp.usp.br)*

## O Café em Ribeirão Preto (1890-1940)

Renato Leite Marcondes \*

*“Com efeito, a lavoura do café está ao alcance do lavrador que trabalha somente com os seus dois braços, e do capitalista que quer empregar muitos contos de réis na sua fazenda: as operações que esta cultura pede são simples, asseadas e sucessivas; a realização em dinheiro quase certa.”*

(TAUNAY, Carlos Augusto. Manual do agricultor brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001).

### **Resumo:**

Apresentamos uma coletânea de informações a respeito da produção cafeeira em Ribeirão Preto (SP) entre 1890 e 1940. Nesta época, o município chegou a ser o principal produtor do Estado. Apesar do elevado porte da cafeicultura na região, verificamos a presença de um número significativo de pequenos produtores.

**Palavras-Chave:** Café; Ribeirão Preto; cafeicultores.

O café apresentou uma indelével trajetória em território paulista. Em seu roteiro, o cafeeiro adentrou, no final do século XVIII, a esta área por meio das terras fronteiriças ao Rio de Janeiro, não tão-somente mediante o Vale do Paraíba, mas também pelo litoral norte da capitania de São Paulo. Entretanto, foi na primeira região que a preciosa rubiácea beneficiou-se de melhores condições de cultivo e expansão. As estreitas faixas de terras de cultura entre a Serra e o Mar limitaram a produção cafeeira no litoral.

No Vale do Paraíba, o cafeeiro obteve nos contrafortes das Serras do Mar e Mantiqueira — nos morros de meia laranja — condições propícias para o seu expressivo desenvolvimento. De início, os não-proprietários de cativos destacaram-se no cultivo da nova cultura (ver, por exemplo, MARCÍLIO, 2000, e MOTTA, 1999). A verificação do café como uma cultura rentável atraiu significativamente os detentores de cativos, até mesmo os grandes proprietários. Já na terceira década do século XIX, verificamos uma significativa produção cafeeira no Vale do Paraíba. Em meado desta centúria, observamos a consolidação da cultura cafeeira na região. Posteriormente, a redução da produtividade dos cafezais provocou a emigração de pessoas e capitais para outras regiões, diminuindo a participação da região no conjunto da província.

O Oeste paulista beneficiado pelo desenvolvimento prévio da cana-de-açúcar dispunha de condições edafológicas e recursos humanos e materiais para a *rush* cafeeiro. <sup>1</sup>

---

\* Professor da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo (FEA/USP), *campus* Ribeirão Preto, e do Programa de Pós-graduação em História Econômica da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (FCL/UNESP).

Primeiramente na região de Campinas e Limeira, o café encontrou terras abundantes e mão-de-obra disponível (ver MILLIET, 1938). Mais tarde, o desenvolvimento ferroviário e o crescimento da imigração estrangeira possibilitaram o avanço da fronteira do cultivo da preciosa rubiácea mais ao Oeste e Norte. Grandes áreas que apresentavam condições muito propícias — como, por exemplo, a afamada terra roxa — para esta cultura foram viabilizadas.

Segundo Thomas H. Holloway, o município de Ribeirão Preto reunia uma série de elementos favoráveis para o desenvolvimento da cafeicultura:

*“Para a história do café e da imigração, a mais importante parte da zona 5 [Mogiana / RLM] fica em torno de Ribeirão Preto, o centro de uma grande concentração do melhor solo para café em todo o mundo. Os primeiros povoadores vieram de Minas Gerais, penetrando em direção ao oeste na zona da Mogiana em fins do século XVIII, mas o desenvolvimento agrícola da área teve de esperar a solução do problema de transporte. Os quatrocentos quilômetros que separavam Ribeirão Preto de Santos não podiam ser vencidos economicamente por tropas de burros. A estrada de ferro Mogiana, organizada e financiada por fazendeiros da área, começou a ser construída em Campinas, em 1874, e alcançou Ribeirão Preto uma década mais tarde, organizando o palco para a rápida expansão dos cafezais.”* (HOLLOWAY, 1984, p. 39).

Um sinal deste fastigioso crescimento pode ser observado por meio dos dados demográficos da cidade. Em 1872, Ribeirão Preto detinha pouco mais de cinco mil habitantes. Já em 1886, a população quase duplicou, chegando a 10.420 pessoas. No início do século XX, o prefeito Manoel Aureliano de Gusmão apontou em seu relatório a influência dos imigrantes na cidade:

*“População total do município: 52.910 habitantes, dos quais 19.711 nacionais e 33.199 estrangeiros de diversas nacionalidades, figurando em primeiro lugar a Itália com 27.765. População da cidade e seus subúrbios: 13.236 habitantes.”* (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO, 1903, p. 15).

Ainda que os dados do prefeito fossem um pouco superestimados para a população italiana, o município apresentou um expressivo crescimento nesse momento.<sup>2</sup> No recenseamento de 1920, registrou-se a presença de 68.838 habitantes. Vinte anos depois, o censo computou em quase oitenta mil pessoas (79.783). Desta forma, o ritmo de aumento da população reduziu-se significativamente a partir da terceira década do século XX.

A produção de café alcançou escala comercial no município provavelmente na década de 1870, por meio da família Pereira Barreto e Prado. Os primeiros plantios ainda eram relativamente pequenos, compreendendo poucos milhares de cafeeiros. Na década seguinte, o cultivo atingiu volume mais expressivo.

Este artigo pretende reunir informações homogêneas que se encontram dispersas em diferentes locais a respeito da produção de café de Ribeirão Preto. O objetivo na primeira seção é apresentar séries temporais destes dados para o conjunto da cidade, compreendendo volume de colheita, número de cafeeiros e produtividade. Num segundo momento,

---

<sup>1</sup> A resolução dos problemas de oferta de mão-de-obra da segunda metade do século XIX foi fundamental para a consolidação do café no Oeste paulista, principalmente com a imigração estrangeira (Ver HOLLOWAY, 1984).

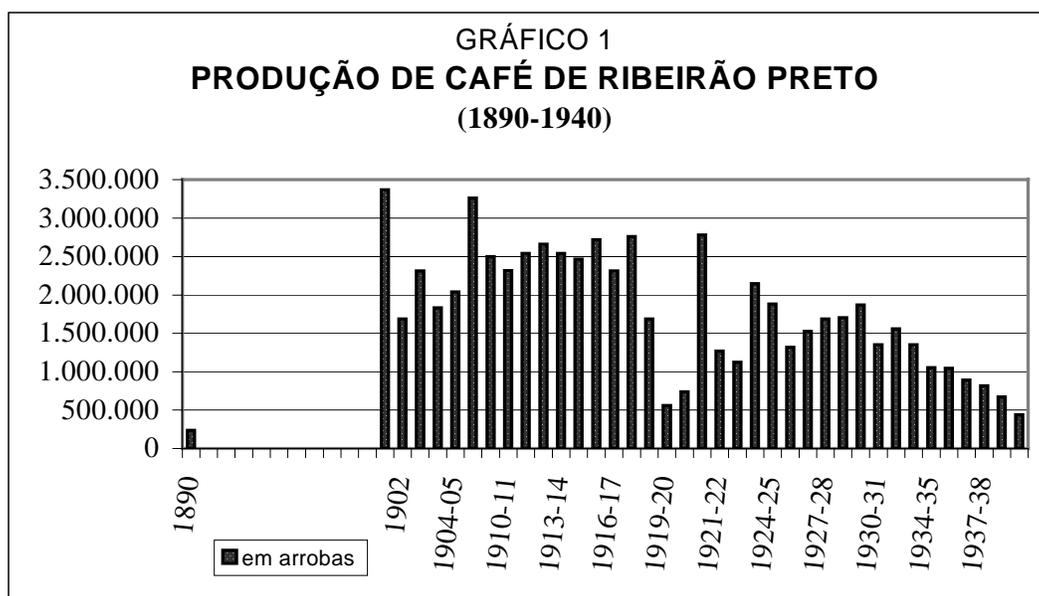
<sup>2</sup> Frederick V. Gifun verifica, no jornal *A Cidade*, uma participação inferior dos italianos no total da população em 1913. Nesse ano, eles perfaziam um quarto do total de habitantes da cidade (GIFUN, 1972, p. 185).

passamos a discutir o porte dos cafeicultores e a distribuição da produção e dos cafeeiros entre eles, em especial mensurar a participação dos pequenos e médios produtores de café do município, segmento pouco estudado pela historiografia sobre Ribeirão Preto. Nesta seção, realizaremos algumas comparações com outros municípios no intuito de melhorar o nosso entendimento da realidade do café ribeirão-pretano. As fontes principais para a pesquisa foram os impostos sobre o café e cafeeiros, relatório dos prefeitos de Ribeirão Preto, Boletim do Café da Secretaria da Agricultura e Secretaria da Fazenda e censos agrícolas.

### Produção de Ribeirão Preto

Como podemos observar no Gráfico 1, a produção cafeeira de Ribeirão Preto cresceu significativamente ao final do século XIX. As primeiras informações mais completas de colheita apontam, para provavelmente 1890, a existência de uma centena de cafeicultores, que pagaram o imposto de 40 réis por 15 quilos de café colhido.<sup>3</sup> A produção somou pouco mais de duzentas mil arrobas, pois a maioria destes cafeeiros ainda era nova.

No início do século XX, o número de cafeicultores em 1901-02 chegou, segundo o referido relatório do prefeito, a 256 do total de 265 estabelecimentos agrícolas do município. A produção cresceu expressivamente atingindo três milhões de arrobas (ver Gráfico 1). Neste período, dos quase trinta milhões de pés existentes em Ribeirão mais de quatro quintos tinham seis anos ou mais de idade. Destarte, podemos observar que a grande maioria dos cafezais de Ribeirão Preto em 1901-02 foram plantados entre o segundo lustro da década de 1880 e o primeiro da seguinte. Esse grande plantio beneficiou-se de preços favoráveis nessa época. Posteriormente, não ocorreu mais a expansão significativa do número de cafeeiros, tão-somente a renovação dos pés mais velhos ou deteriorados.<sup>4</sup>



<sup>3</sup> Neste momento, Ribeirão Preto compreendia Cravinhos e Sertãozinho, porém não incluímos as referências a estas duas cidades em nosso estudo. A primeira já se destacava com uma razoável produção de mais de 22 mil arrobas em oito unidades produtivas e a segunda de pouco mais de duas mil em cinco propriedades. A fonte destas informações é a Ata nº 10, depositada no Arquivo Municipal de Ribeirão Preto.

Nesse momento, o café suplantava amplamente as demais atividades agrícolas. Em termos de valor, a cafeicultura gerava um valor para a sua colheita superior a oito mil contos de réis. Os demais produtos agrícolas (açúcar, aguardente, milho, feijão e arroz) perfaziam tão-somente 729 contos. De acordo com a *Estatística Agrícola e Zootécnica* de 1904-05, dos 265 estabelecimentos agrícolas de Ribeirão Preto 254 produziram café, compreendendo uma área de 15 mil alqueires. Por outro lado, a cana-de-açúcar abarcava tão-somente oito produtores. No conjunto, a agricultura empregava pouco mais de vinte mil pessoas, sendo 4.717 trabalhadores nacionais e 16.805 estrangeiros. Por fim, a colheita de café em Ribeirão Preto superou a de Campinas e Jaú em 1904-05: a primeira perfez 2.040 mil arrobas e, a segunda e terceira, 1.228 e 1.477, respectivamente.

A produção continuou, na década de 1900 e até 1916-17, numa média superior a dois milhões arrobas, porém a geadas de 1918 reduziu significativamente a produção, a qual atingiu em 1919-20 apenas 560 mil arrobas.<sup>5</sup> No início do século XX, Ribeirão Preto consistiu no maior produtor de café do Estado de São Paulo (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS, 1914, p. 21-24).<sup>6</sup> Além disto, três localidades próximas colheram safras acima de um milhão de arrobas em 1912-13 (Sertãozinho, Cravinhos e São Simão), reforçando a importância da região na cafeicultura paulista.

O censo de 1920 mostrou uma redução do número de estabelecimentos plantadores de café para 141, talvez em decorrência também da geadas de 1918 ou em razão da metodologia utilizada no censo ser distinta da do imposto sobre o cafeeiro. O critério utilizado pelo censo para considerar um estabelecimento agrícola não considerava uma grande parcela dos pequenos produtores. Destarte, a produção total alcançou 741.080 arrobas.

No início da década de 1920, os cafeicultores com 40 mil ou mais pés de café somavam 75 pessoas ou companhias de acordo com a publicação *Ribeirão Preto no Primeiro Centenário da Independência* da Câmara Municipal (1923, p. 46-47), totalizando 27.643.000 cafeeiros (88,0% do total). Na *Estatística Agrícola e Zootécnica de 1934-35*, observamos a colheita de pouco mais de um milhão de arrobas, já não representando a maior produção do estado. No censo de 1940, registrou-se a presença de 193 estabelecimentos plantadores de café, que produziam 440.267 arrobas do produto. De outro lado, a produção de cana atingiu 120 mil toneladas em 53 propriedades.<sup>7</sup> Um significativo crescimento em relação ao início desse século, assumindo a condição de segunda cultura mais importante da localidade em termos de área cultivada.

A evolução da produtividade dos cafeeiros também apresentou um comportamento semelhante ao da produção (Cf. Gráfico 2). De início, este indicador manteve-se acima de 90 arrobas por mil pés de café. A geadas de 1918 reduziu drasticamente os valores, que atingiu tão-somente cerca de vinte arrobas. Posteriormente, houve a recuperação da

---

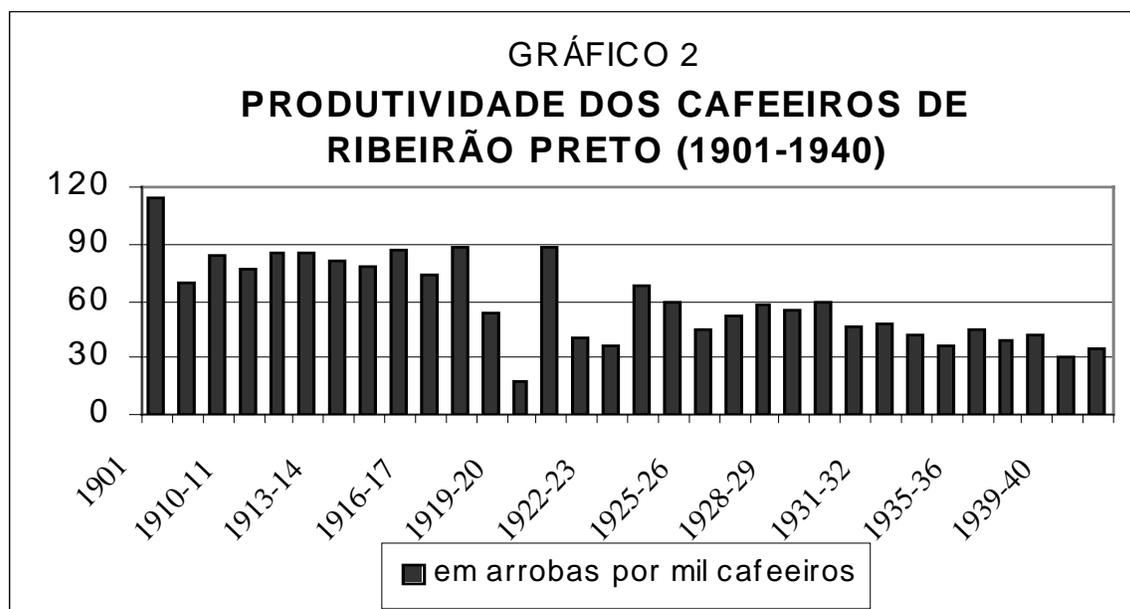
<sup>4</sup> A limitação imposta para novos plantios pelo governo pode ter influenciado este resultado.

<sup>5</sup> Segundo o informe da Secretaria da Agricultura, existiam seis milhões de cafeeiros em decadência, provavelmente em decorrência da geadas (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS, 1918, p. 133).

<sup>6</sup> O Relatório Anual do Serviço Técnico do Café produzido na Sala Ambiente mostrava, em 1935, alguns condicionantes desta liderança: “E é devido a esta exuberância da matéria [física do solo / RLM], aliada à topografia e clima que desde 1906 até poucos anos atrás, Ribeirão Preto liderava a produção cafeeira do Estado.” (1935, p. 4).

<sup>7</sup> Nesse ano, a produção em Piracicaba chegou a 326 mil toneladas em 239 propriedades.

produtividade, mas em apenas um ano retornou ao patamar do início do século XX. Destarte, a tendência já se mostrava declinante. Entretanto, a redução da produtividade revelou menor do que a da produção, enquanto as colheitas diminuiram dez vezes entre a primeira e a quinta década do século XX a produtividade retraiu em cerca de três vezes, indicando uma redução do número de produtores e cafeeiros.



Estas informações da cafeicultura de Ribeirão Preto permitem uma análise mais apurada da evolução da cafeicultura no início do século XX. Como afirmou Frederick Gifun para as duas primeiras décadas dessa centúria:

*“The prime indicator of the health of a coffee region is not trees, of course, but yield, measured in arrobas per mil pés. In Ribeirão Preto, the average from 1900 to 1916 was about 85 arrobas per mil pés. However, the combination of aging trees, tired soil, and the damaging frost of June 25-27, 1918, which affected the whole state, brought a general decline in the productive potential of the município. The most immediate effect was the reduction of Ribeirão Preto’s production for the 1919-20 harvest to 560.000 arrobas, with a yield of 17 arrobas per mil pés. In the next year production rose to 1,8 million arrobas (with a yield of 56), and the 2 million level was reached one more time in 1923-24, but the average yield for the 1920’s was only a mediocre 55 arrobas per mil pés. Also, the center of production in the state was moving westward again as it had in the 1880’s when Ribeirão Preto was just beginning its transformation into São Paulo’s leading coffee county. Now, in the last decade of the Old Republic, Ribeirão Preto was entering its period of gradual decline following a brilliant productive phase which laid the groundwork for later development on different bases.” (GIFUN, 1972, p. 161-162).*

Além da diminuição das safras de Ribeirão Preto, a expansão cafeeira mais para o Oeste e Sul provocou uma redução da participação do município no total colhido no Estado. Esta parcela chegou a 6,0% em 1911/12, mas em 1925/26 já foi de 3,3%. No final

da década seguinte (safra de 1937-38), a produção de café de Ribeirão representou tão-somente 1,4% do total do Estado de São Paulo. Assim, consolidou-se a retração da importância da cidade na cafeicultura paulista. No município, cresceram as colheitas de outras culturas, como, principalmente, o algodão e a cana-de-açúcar, e as atividades urbanas, em especial as vinculadas à indústria, serviços e comércio.

### **Cafeicultores de Ribeirão Preto**

No primeiro registro de impostos de 1890 verificamos vários cafeicultores de destaque na cidade. Neste livro, salienta-se Henrique Dumont, o qual também detinha loja de secos e molhados e produzia 50 mil arrobas da preciosa rubiácea. Ele foi o maior produtor nesse ano. Manoel Alves Menezes foi o segundo maior produtor com 20 mil arrobas. Em terceiro, Martinho Prado Júnior obteve 15 mil arrobas. Por fim, João Franco de Moraes Octávio colheu, na fazenda Laureano, tão-somente pouco mais de duas mil arrobas. O volume médio produzido chegou a cerca de 2,3 mil. Assim, mais da metade dos cafeicultores nesse momento colheram até 800 arrobas.

Na passagem do século XIX para o XX, as colheitas cresceram significativamente, sendo em média de mais de 8 mil arrobas em 1904-05. Se compararmos com as informações de outras localidades percebemos um valor muito superior ao observado em outras cidades.<sup>8</sup> Este patamar manteve-se até a geadas de 1918.

Em 1916/17, a produção média em Ribeirão Preto foi de 8.358 arrobas, enquanto em Jaú foi de 2.633 e em Campinas de 2.851. Assim, a colheita total mostrava semelhante montante, mas o cafeicultor do primeiro município detinha um porte mais de três vezes maior do que o da segunda localidade.

Uma análise interessante pode ser realizada mediante o cruzamento das informações dessa época com as disponíveis para outras. No vale do Paraíba, a colheita média chegava a 3.496 arrobas em 1868, quando a cafeicultura também se encontrava em seu apogeu (Cf. Marcondes, 1998). Deste modo, afirma-se a situação intermediária da cafeicultura escravista do vale em relação as localidades do Oeste paulista. Apesar das poucas informações, não nos foi possível distinguir a cafeicultura das duas regiões em termos de porte do produtor.

Em 1920, sob o efeito da geadas de 1918, a colheita média em Ribeirão Preto reduziu-se a 5.253 arrobas. Na década seguinte, a produção média manteve sua trajetória de redução, atingindo 2.280 arrobas em 1940.

Apresentamos a distribuição da produção entre os cafeicultores na Tabela 1. Observamos uma elevada concentração da produção nas mãos de poucos produtores em 1904-05. Os cafeicultores que colheram mais de vinte mil arrobas representavam tão-somente 9,1% do total de cultivadores de café, mas detinham quase dois terços da produção (65,3%). Um indicador desta distribuição pode ser obtido por meio do índice de Gini, que atingiu 0,802.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Em 1904-05, a produção média de Campinas e Jaú foi de quatro mil e quinhentas arrobas para o primeiro município e de pouco mais de três mil para o segundo.

<sup>9</sup> Se compararmos este resultado com a desigualdade de dois principais fatores de produção (terra e trabalho), verificamos desigualdades também elevadas. Obtivemos para a estrutura fundiária nesse ano (0,851) e para o número de trabalhadores (0,781). Como esperado, a distribuição de terras mostra-se mais concentrada do que a produção e a utilização da mão-de-obra.

Tabela 1  
Distribuição da produção pelos cafeicultores  
(1904-05)

Faixas	% produtores	% produção
Até mil arrobas	53,1	2,3
1.001 a 20 mil arrobas	37,8	32,4
20.001 ou mais	9,1	65,3
Total	100,0	100,0

Ao compararmos a distribuição da produção do nosso município com as realizadas em Campinas, Jaú e Vale do Paraíba, notamos semelhanças e distinções interessantes. De um lado, percebemos a grande participação de pequenos produtores em Ribeirão Preto (53,1% do total) e em Jaú (54,3%) em relação às demais (45,6% em Campinas e 38,0% no Vale do Paraíba). Por outro lado, por meio de um teste de *rank* não paramétrico (Kruskal-Wallis), rejeitamos a igualdade das médias para as quatro áreas, mas aceitamos a semelhança para Ribeirão Preto, Vale do Paraíba e Campinas. Na Tabela 2, fornecemos os resultados dos indicadores estatísticos para os municípios ou regiões em questão.

Tabela 2  
Indicadores estatísticos da distribuição da produção

Município/Região (Ano)	Número	Média	Gini	Rank médio
Campinas (1904-05)	298	4.548	0,646	762,00
Jaú (1904-05)	462	3.186	0,702	655,16
Ribeirão Preto (1904-05)	232	8.593	0,802	742,42
Vale do Paraíba (1868) <sup>a</sup>	490	3.496	0,611	810,00

<sup>a</sup> Devemos salientar o caráter distinto do levantamento para o Vale do Paraíba, o qual se destinava a analisar a viabilidade da construção de uma ferrovia para escoamento da produção de café da região.

A distribuição dos cafeeiros entre os cafeicultores também se mostrou expressivamente desigual em Ribeirão Preto. Na Tabela 3, fornecemos a distribuição dos cerca de trinta milhões de pés por faixas de tamanho dos cafezais.<sup>10</sup> Mais de três quartos do total de cafeicultores detinham até 100 mil cafeeiros. Entretanto, os detentores de 501 ou mais pés que constituíam tão-somente dez pessoas possuíam quase a metade do total. Destes últimos quatro detinham mais de um milhão: Coronel Francisco Schmidt, Companhia Agrícola Fazenda Dumont, Companhia Guatapará e Dona Francisca Silveira do Val.

<sup>10</sup> Entendemos, neste texto, cafezais como a soma de todos os cafeeiros de cada cafeicultor.

Tabela 3  
Distribuição dos cafeeiros  
(1916/17)

Faixas	% produtores	% cafeeiros
Até 100 mil	78,3	11,6
101 a 500 mil	18,1	41,1
501 ou mais	3,6	47,3
Total	100,0	100,0

Houve, deste modo, uma concentração muito significativa da produção nas mãos de poucos e grandes cafeicultores. O índice de Gini foi muito elevado, chegando a 0,812 nesse momento. Ainda antes da crise de 1929 e depois da geada, a distribuição apresentou uma significativa alteração. Em 1928, ocorreu uma diminuição da presença dos menores cafeicultores e um crescimento do número de médios e grandes, conforme Tabela 4. De outro lado, cresceu a importância relativa dos produtores intermediários (de 101 mil a 500 mil cafeeiros).<sup>11</sup> Destarte, o índice de Gini reduziu-se para 0,747, mostrando uma diminuição da desigualdade entre os cafeicultores.

Tabela 4  
Distribuição dos cafeeiros  
(1928)

Faixas	% produtores	% cafeeiros
Até 100 mil	69,1	9,4
101 a 500 mil	24,9	47,9
501 ou mais	6,0	42,7
Total	100,0	100,0

O número de cafeicultores pagantes do imposto diminuiu entre esses anos de 276 para 217. Como esperado a redução foi maior entre os pequenos cafeicultores, os produtores com até 10 mil pés representavam 48,6% do total em 1916/17, mas tão-somente 41,0% em 1928. Os poucos recursos deles dificultavam a manutenção do cultivo em condições mais adversas. A redução da desigualdade da propriedade dos cafeeiros não refletiu uma melhora das condições para a sociedade ribeirão-pretana, pois vários pequenos produtores abandonavam a cafeicultura.

Após 1929, a situação não se alterou de forma mais significativa, mas em sentido oposto a anterior, conforme Tabela 5. No ano de 1934, observamos um aumento da participação dos menores produtores e também um ligeiro crescimento da presença dos maiores cafeicultores. As mudanças refletem a consolidação da redução da concentração da

<sup>11</sup> A consideração de um produtor como pequeno, médio ou grande depende das condições gerais de cultivo da localidade no momento em estudo. Uma ilustração pode ser obtida no estudo coevo de Teixeira Mendes. Numa época de maior decadência da cafeicultura e grande fragmentação da propriedade fundiária em São Paulo ao final dos anos 30 e início dos 40, ele contava como pequeno cafeicultor para Campinas, Jaú e Bauru os que detinham até 10 mil pés de café. O autor concluiu: “Como se vê a pequena propriedade cafeeira já não é um fator que se possa desprezar em grande parte do Estado de São Paulo.” (1943, p. 429).

distribuição dos cafeeiros entre os produtores, mantendo o patamar do índice de Gini (0,750).

Tabela 5  
Distribuição dos cafeeiros  
(1934)

Faixas	% produtores	% cafeeiros
Até 100 mil	70,7	10,5
101 a 500 mil	23,3	46,0
501 ou mais	6,0	43,5
Total	100,0	100,0

Até 1934, o efeito da crise de 1929 pareceu-nos muito reduzido em razão das pequenas alterações nas participações das faixas de tamanho de cafezais no total. De acordo com este resultado, os testes de *rank* e o índice de Gini apresentaram modificações significativas tão-somente entre 1916/17 e 1928.<sup>12</sup>

Notamos em Ribeirão Preto uma desigualdade entre os cafeicultores tanto em termos da produção como em relação aos cafezais muito elevada. A produção mostrou-se mais concentrada do que em outros municípios do Oeste e até mesmo concernente ao Vale do Paraíba paulista em sua época áurea. Contudo, o porte médio não se revelou distinto em relação a Campinas e ao vale. A diferença foi aceita tão-somente em comparação a Jaú. De outro lado, houve abertura para a participação da faina cafeeira de um elevado número de pequenos cafeicultores. Ainda verificamos um processo de desconcentração da distribuição dos cafeeiros ao longo do tempo. Isto se deveu às dificuldades vivenciadas pela cafeicultura, especialmente após a geada de 1918. Por fim, observamos um movimento de abandono da faina cafeeira — principalmente por parte dos pequenos agricultores — e fragmentação de algumas grandes propriedades.

Ao final do período em estudo, o café de Ribeirão Preto evidenciou sinais claros de decadência, como ocorreu também em todo território paulista. Neste município, a produção cafeeira passou representar tão-somente 1,1% do total do Estado. Além disto, a produtividade dos cafezais reduziu-se a trinta arrobas por mil cafeeiros. Por outro lado, as atividades urbanas e industriais ganharam importância crescente e novas culturas empolgaram os agricultores do município, principalmente o algodão e cana-de-açúcar.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> O teste Kruskal-Wallis mostrou a aceitação da hipótese de igualdade das médias de cafeeiros ao considerarmos os três anos em estudo (com nível de significância de 5%). Todavia, quando analisamos os anos dois a dois (teste Mann-Whitney), verificamos a aceitação da igualdade das distribuições entre 1928 e 1934 e a distinção de 1916/17 em relação aos demais.

<sup>13</sup> O Relatório Anual do Serviço Técnico do Café de 1935 apontou para o crescimento de outras culturas no município naquela época e criticou tal escolha dos agricultores: “A orientação errônea a que nos referimos é a que se está delineando em grande número de fazendas onde os proprietários vem abandonando o trato que dispensavam ao cafeeiro, para substituí-lo no algodão, que hoje apresenta-se com lucros formidáveis sob o pomposo título de ‘Ouro-branco’. Há mesmo fazendeiros que não se contentaram apenas a diminuir o trato ao cafeeiro, plantando o algodão como cultura intercalada, chegaram até a arrancar os cafeeiros e substituí-los integralmente pelo algodão.” (1935, p. 5)

Em tal quadro, afirmou-se a importância dos imigrantes estrangeiros e seus descendentes entre os proprietários de terras, principalmente de áreas de até 50 alqueires.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Em 1904-05, também existiu um grande número de estabelecimentos nas mãos de pessoas nascidas no estrangeiro, os quais perfaziam 40,2% do número total, mas que detinham tão-somente 26,0% das terras. Devemos salientar a presença de duas grandes áreas entre estes últimos nesse momento: a Companhia Dumont dos ingleses e de Francisco Schmidt (alemão). Em 1939-40, verificamos entre os 388 proprietários com até 50 alqueires a existência de 107 italianos, 57 portugueses, 28 espanhóis e 5 japoneses. No conjunto, estes imigrantes representaram mais da metade dos proprietários deste segmento (50,8%). Por fim, o crescimento dos pequenos proprietários elevou a concentração da estrutura fundiária (0,871). O crescimento da presença de proprietários de reduzidas extensões de terras pode ajudar a explicar este movimento oposto com relação ao dos cafeeiros.

## APÊNDICE

Tabela 1  
Cafeeiros e Produção de café

Ano	Número	Número de cafeeiros	Produção em arrobas
1890	100	-	235.430
1901	256	29.384.996	3.370.443
1902	-	-	1.685.350
1903	-	-	2.312.024
1904	-	-	1.833.732
1904-05	254	29.094.365	2.040.036
1906-07		-	3.261.500
1909-10		30.000.000	2.497.742
1910-11		30.000.000	2.316.150
1911-12		30.000.000	2.540.220
1912-13		31.394.365	2.657.850
1913-14		31.394.365	2.542.950
1914-15		31.394.365	2.467.400
1915-16		31.394.365	2.717.970
1916-17		31.394.365	2.309.890
1917-18		31.394.365	2.760.000
1918-19		31.394.365	1.688.000
1919-20	247	31.394.365	560.000
1920	141	-	741.080
1920-21		31.394.365	2.780.000
1921-22	108	31.395.000	1.270.000
1922-23	108	31.395.000	1.125.000
1923-24	202	31.395.000	2.147.000
1924-25	212	31.395.000	1.880.000
1925-26	212	29.427.000	1.320.000
1926-27	218	29.427.000	1.525.000
1927-28	218	29.427.000	1.685.000
1928-29	218	31.202.345	1.702.790
1929-30	218	31.202.345	1.870.000
1930-31	217	28.854.716	1.350.406
1931-32		32.614.205	1.558.176
1932-33	217	32.630.787	1.351.605
1934-35	-	28.685.817	1.052.419
1935-36	240	23.539.500	1.045.410
1936-37		22.863.658	891.657
1937-38	263	19.218.655	818.045
1939-40	230	22.368.567	671.057
1940	193	12.795.832	440.267

Fonte: 1890: Ata número 10; 1901-04: Relatórios do Prefeito de Ribeirão Preto (anexos); 1904-05: Estatística Agrícola e Zootécnica de Ribeirão Preto, p. 6-7; 1906-38: Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (1914, 1916, 1917, 1920, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930-31, 1932-33, 1935-36, 1937-38). 1920 e 1940: Recenseamento do Brasil. 1939-40:

## **Referências Bibliográficas**

CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Ribeirão Preto no primeiro centenário da independência nacional: a cidade e o município**. Ribeirão Preto: Câmara Municipal, 1923.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. **Estatística agrícola e zootécnica, 1939-40**.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Anuário Estatístico de São Paulo**. 1906.

GIFUN, Frederick Vicent. **Ribeirão Preto, 1880-1914: the rise of a coffee county, or the transition to coffee in São Paulo as seen through the development of its leading producer**. Phd, :Department of History/University of Florida, 1972.

HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1984.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Crescimento demográfico e evolução agrária paulista: 1700-1836**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2000.

MARCONDES, Renato Leite. **A pequena e média propriedade na grande lavoura cafeeira do vale do Paraíba paulista**. LOCUS: revista de história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Editora UFJF, 4 (2): 35-54, 1998.

MILLIET, Sérgio. **Roteiro do Café e outros ensaios**.

São Paulo: 1938.

MOTTA, José Flávio. **Corpos escravos, vontades livres: posse de escravos e família escrava em Bananal (1801-1829)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Relatório de 1902 apresentado a Câmara Municipal de Ribeirão Preto pelo prefeito Dr. Manoel Aureliano de Gusmão**. São Paulo: Duprat, 1903.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Relatório de 1904 apresentado a Câmara Municipal de Ribeirão Preto pelo prefeito Dr. Floriano Leite Ribeiro**. São Paulo: Vieira de Souza, 1905.

SÁ, MANAIA & CIA. **Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Tipografia do Almanaque, 1913.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS. **Estatística agrícola e zootécnica de Ribeirão Preto no ano agrícola de 1904-05**.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS. **O café: estatística de produção e comércio.** São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, vários anos.

SERVIÇO TÉCNICO DO CAFÉ. **Relatório anual.** Ribeirão Preto: Sala Ambiente, 1935 (mimeo).